

ELE E NÓS

Nos três anos e dez meses de construção de Brasília, Juscelino veio 225 vezes à cidade. Trouxe presidentes, rei, rainha, fiscalizou as obras e se divertiu

Poeta da ação

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Toda vez que alguém reclamava da poeira incômoda, do pó vermelho que se incrustava na pele e tingia cabelos, cílios, sobrancelhas, unhas e roupas, Juscelino Kubitschek saía-se com uma tirada: “Essa poeira tem terramicina, é poeira sadia, faz bem pra saúde”. Não se sabe de onde ele tirou isso, mas a brincadeira demolia o eventual mau humor dos empoeirados. Desse jeito, o “poeta da ação”, como definiu Afonso Arinos, seguia em sua obstinação rumo à nova capital. E levava junto a mulher, as filhas, os amigos das filhas, os seus amigos, os amigos de seus amigos, quem porventura se encantasse com a construção de Brasília, a despeito da poeira vermelha.

Assim foi na Copa do Mundo de 1958. Juscelino aterrisou em Brasília com a família, amigos, auxiliares e jornalistas para ouvir, de um rádio de pilha, a transmissão da final Brasil x Suécia, no hall do Brasília Palace Hotel, que então se chamava Hotel de Turismo. Uma garota de 16 anos estava no grupo dos torcedores. Maria Estela Kubitschek, filha de JK, lembra-se do ressoar da voz do locutor no sertão desabitado. “Era uma coisa fantástica, papai passava pra todos nós a sua empolgação.”

Nos 3 anos e 10 meses de construção, JK veio 225 vezes ao canteiro de obras. É ele mesmo quem conta no *Por que Construí Brasília*: “Como não podia deixar o Rio durante o dia, esperava o fim do expediente para tomar o avião que me levaria ao Planalto. Chegava lá às 10 ou 11 horas da noite. Percorria, então, as obras até as 3 horas da madrugada quando tomava, de novo, o avião”. De início, usava um DC-3, avião que fazia 200 quilômetros por hora. Depois, um Viscount, com o dobro de potência.

“Ele podia estar cansado, mas quando chegava a Brasília, mudava de espírito”, lembra-se o ex-prefeito de Araxá (MG) Olavo Drummond, 76 anos, um dos muitos amigos de Juscelino. Da primeira vez que veio à área onde seria construída a cidade, no início de 1957, Drummond acompanhou JK e o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, por trilhas estreitas que riscavam o cerrado. “Juscelino me levou num jipe para ver o lugar onde seria o palácio do governo e o palácio dos despachos”, que mais tarde se chamariam Alvorada e Planalto. “Eu cá comigo pensava: ‘Isso está parecendo conversa de doido’. Era o assombro do então jornalista Olavo Drummond diante da convicção de JK de que naque-

la aridez estava nascendo uma cidade.

O poeta da ação era também marqueteiro de fazer cair o queixo de Nizan Guanaes e Duda Mendonça. De um lado, contaminava os brasileiros – exceto, claro, os udenistas liderados por Carlos Lacerda, e os cariocas, por suas mágoas. De outro, vendia sua idéia para os estrangeiros. De 1956 até final de 1960, praticamente todos os presidentes, reis, ministros de Estado, embaixadores, ditadores e democratas que visitaram o Brasil tiveram de provar da poeira vermelha.

Do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, ao presidente de Cuba, Fidel Castro, todos vieram banhar-se de terramicina. Primeiro veio Fidel, a 30 abril de 1959. Viu de um helicóptero a cidade em construção, fez mil perguntas, mas não deixou Juscelino falar. “Tentei um diálogo, a fim de atraí-lo para a Operação Pan-Americana, mas não consegui. Fidel Castro não compreende o diálogo. É um homem de monólogo”, escreveu JK mais tarde. Antes de deixar Brasília, Fidel disse: “É uma felicidade ser jovem neste país, Presidente.”

A vinda de Eisenhower a Brasília, um ano mais tarde, foi bem mais agradável. O presidente norte-americano se surpreendeu com tantas obras feitas em tão pouco

tempo: “Esta cidade excedeu todas as minhas expectativas. É uma inspiração”. E se recusou a assinar qualquer documento ou fazer qualquer despacho administrativo dentro do Palácio da Alvorada. Argumentou que o primeiro ato oficial a ser assinado em Brasília deveria ser feito pelo presidente Juscelino Kubitschek. “Assinarei todos os papéis no avião.”

Ao longo da construção e no seu último ano de governo, JK trouxe a Brasília a rainha Elizabeth, da Inglaterra; o príncipe Mikasa, do Japão; o rei da Etiópia, Haile Selassie; os presidentes de Portugal, Itália, México, Indonésia e Paraguai, alguns ministros de Estado, entre os quais o ministro da Cultura da França, André Malraux, autor de um dos mais célebres discursos sobre a cidade (foi ele quem chamou Brasília de a capital da Esperança). E o escritor inglês Aldous Huxley, que, mais tarde, enviou telegrama a Juscelino: “Vim diretamente de Ouro Preto para Brasília. Que jornada através do tempo e da História. Uma jornada do ontem para o amanhã, do que terminou para o que vai começar, das velhas realizações para as novas promessas.”

Diplomaticamente obrigados a fazer escala na capital em construção, os ilustres estrangeiros traziam junto a atenção da imprensa de seus países. “Nisso, Juscelino salvou Brasília”, avalia João Herculino, presidente do Ceub e amigo de JK. Era mais uma arma que Juscelino dispunha para enfrentar a virulenta campanha contra a construção. E deu certo: a imprensa internacional fez extensa cobertura da ousadia brasileira, um ponto a mais na luta de JK contra os adversários da construção da nova capital.

Alegre ousadia, como relembra Herculino. “Às vezes, ficávamos em serenatas sob o luar da cidade, Juscelino e eu fazíamos um dueto”. São famosas as histórias de JK e sua turma boêmia, que incluía Dilermando Reis e César Prates. Por algum tempo, a tradição seresteira de Diamantina (MG) acampou no cerrado, no Catetinho, no Palácio da Alvorada, na Casa Preta.

Arremedo de boate, construída onde hoje é a SQS 309, a Casa Preta assim se chamava porque era um barracão de madeira todo pintado de preto, até o muro. Havia um porteiro que, do lado de dentro, olhava por um buraco no muro e checava se o nome do visitante estava na lista de convidados. Funcionária aposentada do Senado, Ecla Assis Cunha, 76 anos, se lembra de Juscelino chegando à Casa Preta de madrugada. “Todo mundo cantava o *Peixe Vivo*.”



JUSCELINO SABIA QUE OCUPAR O CERRADO ERA TAREFA DIFÍCIL. POR ISSO ATRAIU ATENÇÃO DOS ESTRANGEIROS PARA A SUA EMPREITADA